

VOLKMAR FRITZ, *Kleines Lexikon der biblischen Archäologie* (Bibel-Kirche-Gemeinde, 26), Christliche Verlagsanstalt, Konstanz, 1987, 202 pp.
ISBN 3-7673-7626-1.

Quem precisar de informação rápida sobre lugares arqueológicos de Israel (Megiddo, Beth-Shean, Jafa, Lakish, Massada) e da Jordânia (Aroer, Diban, Amã/Rabbat-Ammon, Pella, Gerasa/Jerash), sobre construções e objectos (casa, palácio, templo, túmulo, altar, moeda) e sobre povos (Filisteus, Amonitas, Moabitas) tem no Pequeno Dicionário resposta sucinta e fundamentada: referências bíblicas, história da investigação arqueológica, identificação dos lugares antigos, alusões em fontes extrabíblicas (Textos de Execração, arquivos de Tell el-Amarna, listas de cidades conquistadas por Tutmés III e Sheshonk — do Egipto; anais assírios; textos de Ugarit).

Que um porto da importância de Akko (S. João de Acre dos cruzados) ou as cidades estratégicas da planície de Esdremon (Taanach, Megiddo, Beth-Shean) sejam mencionadas em anais, listas e esteias egípcios sabia-se há muito e compreende-se. Mas só a investigação arqueológica recente descobriu o papel da antiga Afek (hoje Ras el-En, nas fontes do Jordão) nas relações internacionais. Provam-no as diversas cartas em acádio (a língua da diplomacia internacional da última metade do 2.º milénio a. C.) e os textos fragmentários em acádio, sumério e línguas de Canaã.

Antecede o Dicionário uma sucinta e excelente Introdução, em que se começa por definir «arqueologia» — das *antiquitates* redescobertas pelos humanistas e da ligação estreita ao texto bíblico até ao sentido actual de investigação independente do que vai revelando o terreno da Palestina. Deste modo, «arqueologia bíblica tornou-se arqueologia da Palestina», tomando este termo geográfico tardio (da administração romana) por «designação do país a ocidente e oriente do Jordão» (p. 7).

E dificilmente se poderá dar uma visão mais completa e rigorosa dos vários períodos da arqueologia palestinense. Aí desfilam o Neolítico (8000-4000 a. C.) com a domesticação de plantas e animais e a invenção de cerâmica; o Calcolítico (4000-3150) com a regionalização da cultura e o alastrar de populações da Anatólia ao espaço sírio, modificando hábitos de construção e enterramento; o Proto-Urbano irrompendo, vigoroso, no princípio do Bronze Antigo (3150-2150), mais uma vez impulsionado, segundo o Autor, por novo afluxo populacional. «Característicos da cultura urbana do Bronze Antigo são a implantação de cidades amuralhadas, a formação de uma

nova tradição cerâmica, o desenvolvimento do artesanato e as relações de longo curso com as altas culturas da Mesopotâmia e do Egípto» (p. 9). O Intermediário subsequente deixou apenas cidades indefesas. E é preciso entrar no 2.º milénio e no Bronze Médio II (1950-1550) para deparar com uma nova civilização urbana, que perdura até ao fim do Bronze Recente (1550-1200). Surge um novo tipo de casa e de templo (abandono do tipo frontal pelo longitudinal «Langraumtempel», de origem síria). Também esta nova civilização urbana se deve a novo afluxo populacional. A presença de cerâmica micénica e cipriota atesta a extensão das relações comerciais. A Idade do Ferro (1200-332) divide-se, de acordo com a história política, em três períodos: Ferro I (1200-1000), Ferro II (1000-587) e Ferro III (587-332). Não é necessária muita informação para ver aqui as grandes divisões da história de Israel — proto-história ou época dos Juízes, monarquia, época persa. Com esta encerra a cultura autóctone da Palestina: helenismo (332-37 a. C.) e formas romanas (37 a. C.-324 d. C.) que se lhe seguiram foram importações do Mediterrâneo Ocidental.

Completam o Pequeno Dicionário tabelas cronológicas (p. 13: períodos arqueológicos palestinianos; p. 194: dinastias egípcias, segundo E. Hornung; p. 195: reis de Israel e de Judá, segundo E. Jepsen), uma lista de correspondências decimais para pesos e medidas (p. 196) e um glossário de termos técnicos, arqueológicos, geográficos e históricos (pp. 197-200). Um mapa dos sítios arqueológicos tratados (p. 14), numerosas ilustrações disseminadas ao longo da Obra e dois conjuntos de fotografias a cores extratexto (pp. 64/65; pp. 128/129) tornam a consulta tão instrutiva quanto agradável.

A inserção da Obra na coleção Bíblia - Igreja - Comunidade, se não chega para justificar a escolha do termo bíblico em detrimento do mais adequado palestinense (usado, por exemplo, por W. F. Albright), torna-a pelo menos compreensível. E não obsta aos bons serviços que o Pequeno Dicionário prestará aos interessados em Ciências Bíblicas, Arqueologia e História Antiga.

José Nunes Carreira